

A FÁBULA COMO FERRAMENTA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL

Bizon, Adriana Cripa ¹

Rebelato, Adriana Romancini ²

Silva, Gisele Cristina Celtron da ³

RESUMO

Este artigo propõe um ensino que aborda a leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental, bem como na esfera da literatura para o público infantil. Pretende-se com a inserção da literatura nesta etapa aplicar o “narrar” que é a mesma coisa que contar, ou seja, apresenta uma série de ações em episódios que se sucedem uns aos outros. O eixo de ensino é a leitura e interpretação de textos literários para o desenvolvimento de competências e habilidades, a proposta de ensino leva a aplicação do conhecimento nas mais diversas situações, colher a informação necessária do veículo de comunicação para depois aplicar no seu cotidiano as práticas mais comuns, como ler para estudar, trabalhar, buscar informação, atualizar-se e orientar-se. A leitura é um meio de comunicação necessário e só compreender e refletir não são suficientes. A leitura na literatura é um jogo de quebra-cabeças, no qual as linguagens vão se encaixando conforme o contexto linguístico e social onde o ser humano está inserido e se adapta confortavelmente no seu mundo. Ainda neste trabalho serão abordadas atividades com foco na estrutura do gênero fábula destacando os elementos da narrativa como o enredo, apoiando-se em alguns autores.

Palavras-chave: leitura; literatura; fábulas; elementos da narrativa;

ABSTRACT

This article proposes teaching that addresses reading in the initial grades of Elementary School, as well as in the sphere of literature for children. The aim of inserting literature at this stage is to apply “narrating”, which is the same thing as telling, that is, it presents a series of actions in episodes that follow one another. The teaching axis is the reading and interpretation of literary texts for the development of skills and abilities, the teaching proposal involves the application of knowledge in the most diverse situations, collecting the necessary information from the communication vehicle and then applying the practices in your daily life most common, such as reading to study, work, seek information, update and orient yourself. Reading is a necessary means of communication and just understanding and reflecting are not enough. Reading literature is a puzzle game, in which languages fit together according to the linguistic and social context in which the human being is inserted and adapts comfortably in their world. Also in this work, activities will be addressed focusing on the structure of the fable genre, highlighting the elements of the narrative such as the plot, based on some authors.

Keywords: reading; literature; fables; narrative elements;

¹ prof.educação básica –Prefeitura de Araras-SP – e-mail: acbizon@yahoo.com.br

² prof.educação básica –Prefeitura de Araras-SP – e-mail: drirebelato@gmail.com

³ prof.educação básica –Prefeitura de Araras-SP – e-mail: gi_celtron@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Esta proposta pedagógica tem o objetivo de oferecer possibilidades variadas de leituras aos alunos através da esfera da literatura e os elementos da narrativa, ou seja, as marcas textuais que são fundamentais para a tipologia do narrar desde a educação infantil. Logo, este trabalho busca estimular a alfabetização e letramento dentro de uma possível compreensão de texto com o uso da teoria discursiva de Bakhtin (2004) como suporte, na medida em que há o diálogo entre as personagens da fábula com respeito à dialógica nas concepções de língua e linguagem, já que os animais representam seres humanos neste gênero.

O ambiente escolar deve ser compreendido como um local de aprendizado alicerçado no diálogo, nas interações, na troca de ideias, no trabalho de mediação do docente e, principalmente, na intencionalidade pedagógica para ensinar de forma a ampliar as possibilidades de aprender, é necessário planejamento por parte do educador, uma avaliação contínua de seus alunos, bem como uso de material e metodologias atraentes.

Entende-se que a ação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla, de maneira articulada e simultânea a alfabetização e o letramento. Para se ter sucesso o professor precisa elaborar suas aulas estabelecendo os objetivos que pretende alcançar com um estudo dirigido, selecionando textos que devem ser adequados aos alunos, aos objetivos do estudo e oferecer outras fontes de informações para despertar o interesse das crianças.

O trabalho leva os alunos a discutirem e refletirem situações para as quais, por meio do diálogo com base no gênero narrativo na leitura da fábula, são capazes de se transportar para o mundo do protagonismo que vivencia o conflito, pois há uma identificação e interação social que ocorre ao fazer uma leitura e situar-se no contexto;

para análise do discurso assim definido e constituído destes fatores, é determinante a consideração do processo e das condições de produção. Esta é a forma de sistematizar o papel do que, em linguística, denominamos contexto e situação. As condições de produção do discurso podem ser definidas como as circunstâncias de sua realização: os seus protagonistas e seu objeto (ORLANDI, 1978, p. 33).

Ora, este processo de ensino em que prevalece as visões de mundo diferentes deve ser dado um infinito valor a Paulo Freire que conseguia através de sua maneira de ensinar ter uma atenção voltada para um ensino mais democrático. Em Brasil (1997), partindo dos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa entende-se que a língua é essencial para o conhecimento social e efetivo do indivíduo. Enquanto educadores tem-se o compromisso de proporcionar a todos os alunos acesso aos saberes linguísticos essenciais para o exercício da cidadania, direito reservado a todos os seres humanos:

entender o processo de alfabetização implica entender a oralidade. A todo momento, as crianças estabelecem relação entre fala e escrita ortográfica e o professor não consegue perceber o que está causando o “erro” na escrita. O aluno erra a forma ortográfica porque se baseia na forma fonética. Os equívocos que cometem revelam claramente que não se trata de “erros” aleatórios. Estes “erros” refletem uma reflexão sobre os usos linguísticos da escrita e da fala. (BRASIL, 1997).

Baseando-se em Brasil (2012), no Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa vale ressaltar que as crianças recém-alfabetizadas leem com muita dificuldade e ficam cansadas mais rapidamente, textos extensos podem desanimar os educandos. Portanto, é muito importante a escolha do texto que se pretende trabalhar.

Ainda, de acordo com Brasil (2012), o professor deve estimular situações de leitura autônoma:

ler textos não verbais, com compreensão; poemas, canções, tirinhas, textos de tradução oral, dentre outros; ler em voz alta, com fluência, em diferentes situações; localizar informações explícitas em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos com autonomia; realizar inferências em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos com autonomia; estabelecer relações lógicas entre partes do textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos com autonomia; interpretar frases e expressões em textos de diferentes gêneros e temáticas. (BRASIL, 2012, p.11).

De acordo com Brasil (1998), o Referencial Curricular Nacional para a educação destaca atividades coletivas de escrita e a criança aprende:

diferenciar as atividades de contar uma história, por exemplo, da atividade de ditá-la para o professor, percebendo, portanto que não se diz as mesmas coisas nem da mesma forma quando se fala e quando se escreve; retomar o texto escrito pelo professor, a fim de saber o que já está escrito e o que ainda falta a escrever; considerar o destinatário ausente e a necessidade da clareza do texto para que ele possa compreender a mensagem; diferenciar entre o que o texto diz e a intenção que se teve antes de escrever. (BRASIL, 1998).

Práticas inovadoras de ensino da leitura e da escrita, relacionando com outras áreas do conhecimento, requer que pensemos como:

insistimos, inicialmente, na necessidade de uma nova postura, por parte do professorado e dos gestores, no esforço por construir currículos culturalmente orientados. E, que transforme a escola e o currículo em espaços de crítica cultural, de diálogo e de desenvolvimento de pesquisas, a adoção de novos procedimentos e o estabelecimento de novas relações na escola e na sala de aula. (MOREIRA E CANDAU, 2007, p.31).

As instruções corretas em relação a conduta em sala de aula deve ser baseada em atenção e bom senso, dependendo da dificuldade da atividade proposta, as adaptações devem ser diferentes e adequar para cada realidade, sendo assim o professor deve sempre estar no controle de qualquer situação e assumir a responsabilidade dos sujeitos, é necessário ficar o tempo todo do lado dos alunos até que estes estejam totalmente independentes e com total segurança para desenvolver qualquer determinada atividade.

Baseando-se em Boarini (1998), a educação tem por objetivo introduzir o aluno na prática de pensar sobre o ensinamento que lhe é passado em sala de aula e como ele é passado, além de dotá-lo de uma visão crítica dos conteúdos que aprende:

para isso, a rigidez metodológica cai por terra, uma vez que o aluno adquire o hábito de sempre refletir sobre o que é instituído, sem seguir cegamente o que lhe ensinam, mas sem ferir os objetivos comuns da educação. Neste sentido, a disciplina se torna relativa e o aluno tem a responsabilidade de eleger para si as regras que precisa seguir e de questionar porque se deve ser "disciplinado". Resumindo, quando uma regra não faz sentido corre-se o risco de o sujeito não a seguir, o que acarreta para o indivíduo o rótulo de "indisciplinado" (BOARINI, 1998, p.14).

A educação estava pautada no ensino tradicionalista, no qual os alunos eram obrigados a decorar diversos conteúdo sem nenhum significado e por isso, o ensino não formava um cidadão crítico e democrático e sim tecnicista. Após o exílio de Paulo Freire com suas ideias sobre a Pedagogia Libertadora, se percebeu a eficácia de seus ideais e quanto tempo o Brasil perdeu preso aos métodos tradicionais. Portanto, por meio do trabalho com o gênero narrativo é possível refletir sobre o uso da língua como instrumento facilitador de toda e qualquer aprendizagem. Então, sabe-se que a escola é a principal responsável por desenvolver as competências e habilidades necessárias para que os alunos sejam proficientes, focando leituras que despertem a curiosidade

deles numa prática pedagógica eficiente, que auxilie as práticas de ensino com atividades em direção ao ensino da leitura literária.

A prioridade da leitura como prática social capaz de transformar e formar o cidadão é entendida como o de despertar o senso crítico naquele que está em um processo de formação e assim cabe aos professores trazerem para a sala de aula uma diversidade de gêneros textuais.

Logo, defrontando com este aluno do fim do século XX e início do XXI, considera-se:

[...] as relações humanas concebendo a linguagem como o lugar de um processo de interação, a partir de perspectiva de que a escola é a principal responsável em fornecer oportunidades e assim vale os questionamentos “O que” vamos ensinar, já que tal opção representa parte da resposta do “para que” ensinamos” (GERALDI, 1984. p.46).

Fundamentando-se em Orlandi (1974) revela que há trinta anos permanecem oportunas as perguntas do autor: ensinar o quê, para quem e para quê? E, por meio dessas questões é possível refletir e concatenar todas as possibilidades para que os alunos se interessem e se aprofundem em conhecimentos para o seu enriquecimento social e cultural.

1. O UNIVERSO DA LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A literatura auxilia em despertar o interesse dos alunos, na faixa etária estudada aqui, com destaque ao gênero fábula, os cativam, principalmente quando percebem as ações dos personagens e a mensagem, a moral que sempre é deixada no final de cada história faz com que a reflexão aconteça e proporcione nos alunos o entendimento e a necessidade dessa prática social em suas vidas, e, o quanto essa envolve os sentidos e os leitores.

Fundamentando-se em Zilberman (2003) a literatura infantil surge com características próprias, decorrentes da ascensão da família burguesa, do status concedido à infância na sociedade e reorganização da escola, mostrando a necessidade de preenchimento de uma missão não propriamente literária em sua origem e funcionamento, ela exige do leitor a imagem de uma realidade, a criança desenvolve-se através do universo exposto nas páginas do livro.

As leituras devem ocorrer sempre na vida das pessoas desde as primeiras etapas da educação para causarem reflexões, mesmo que sejam títulos considerados como “entretenimento”, “subliteratura,” ou “literatura de massas”. Sendo assim, como prática pedagógica, ler na escola é fundamental para que os alunos possam interagir com os colegas na busca de que sua interpretação chegue à mesma conclusão que o amigo.

De acordo com os teóricos, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) há compreensão do conteúdo, quando se organiza um conjunto de atividades escolares de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. De forma oral, fazer indagações capazes de levar os alunos a refletirem, depois a produção escrita inicial, para a sondagem do conhecimento prévio e na sequência a apresentação dos gêneros abordados, e juntos propor uma releitura.

Baseando-se em Bakhtin (2001), o trabalho com o gênero fábula favorece o desenvolvimento da percepção de que, no mundo das linguagens, a produção de sentidos é sempre contextualizada, por meio das circunstâncias em situações específicas de comunicação e carregada de intenções e vem ao encontro às escolhas de linguagem, e no gênero trabalhado.

Diante do fato, é necessário construir um clima harmônico ao desenvolver o processo necessário da leitura para que os alunos busquem no texto a necessidade de conhecerem dispositivos facilitadores para identificar as palavras. Tem-se que colaborar para que o aluno tenha repertório e dispositivos para diferenciar os diferentes gêneros, pois reconhecendo suas características é possível aplicá-lo de acordo com a situação.

Segundo Marcuschi (2010), há todo um significado com a realidade do mundo que cercam a realidade dos alunos, é preciso valorizar o conhecimento prévio, e assim aproximá-los da linguagem vivida e despertar o interesse nos alunos.

Dessa forma, o objeto de estudo é desenvolvido esclarecendo o gênero narrativo fábula através dos elementos da narrativa, o foco do plano de aulas está em desenvolver as competências e habilidades necessárias com a finalidade de levar os alunos a reconhecer esses elementos por meio das sequências didáticas.

Dentro dessas possibilidades há a importância de abranger no conteúdo didático um pouco da história dos autores apresentados através de pesquisas feitas pelos alunos.

Assim, optou-se por selecionar dois títulos distintos para estudo, pensou-se em introduzir a aula com a fábula “A Cigarra e a Formiga” e depois outro do mesmo gênero, com uma narração diferente, fazendo uso de entonação, dramatização, esses artifícios servem como estratégia para que os alunos observem e percebam o diálogo que há entre os textos e que podem ser construídos de maneira a modificar o começo, o meio ou o final da fábula original, como fez Monteiro Lobato no texto “A Formiga Boa”.

Essa prática de modificar a maneira de contar desenvolve a capacidade de interação dos alunos, com a finalidade de elaborar outros textos com base no texto fonte, que no caso é “A cigarra e a formiga”. Cria-se um texto sobre aquele que já existe sem que seja considerado plágio e assim resulta um diálogo entre os textos, como por exemplo, as mesmas personagens, mas com versões semelhantes que faz o leitor lembrar-se do texto original.

Essa atividade auxilia a prática leitora dessa esfera literária da literatura, pois é um bom início para a prática social, já que os alunos podem conhecer o gênero narrativo fábula com versões diferentes pelos outros autores com principal destaque a intertextualidade.

O que chama a atenção também são as personagens “A Cigarra e a Formiga” que ilustradas de forma engraçadas aguçam a curiosidade das crianças e ao visualizarem na capa do livro, sentem-se mais motivados a conhecerem o texto.

1.1 O trabalho com gêneros textuais na alfabetização e letramento

O professor deve respeitar os conhecimentos prévios, bem como ritmo do grupo e discutir em sala com eles para formar uma opinião sobre os tipos de textos que poderiam ser apresentados, sem menosprezar os veículos de comunicação que trazem prazer, já que é através do público leitor que aumenta a possibilidade de transformação para uma sociedade mais leitora, crítica e democrática.

Para Bakhtin (2010) a interação entre os indivíduos ocorre em discurso, em movimentos que recriam práticas discursivas. As fábulas, romances, novelas, canções e outros gêneros textuais literários estão carregados dessa interação.

Quando falamos em gêneros pensamos em uma infinidade como os mencionados pela Secretaria da Educação o no caderno Currículo:

ao mesmo tempo, eventos linguísticos e ações sociais. Funcionam como paradigmas comunicativos que nos permitem gerar expectativas e previsões ao elaborarmos a compreensão de um texto. E, embora seja definido tanto por aspectos formais como funcionais, não há dúvidas, entre os estudiosos, de que a função é mais importante do que a forma (CURRÍCULO SÃO PAULO, 2010, p. 52).

Baseando-se no Currículo São paulo (2010), os gêneros textuais são artefatos linguísticos construídos histórica e culturalmente pelas pessoas para atingir objetivos específicos em situações sociais particulares.

Bakhtin (2010) defende que a construção do conhecimento ocorre por meio do gênero discursivo nessa esfera de atividades inseridas e resultam em uma leitura multissemiótica facilitando aos alunos a percepção das linguagens híbridas que se comunicam e estabelecem um discurso dialógico.

1.2 A esfera comunicativa

A esfera discursiva literária, a qual o gênero narrativo fábula pertence, apresenta uma importância social e educacional a partir do momento em que o aluno conhece esse tipo de texto, considerando diferentes situações de leitura como o domínio na compreensão do texto, conhecer suas características estruturais, ou seja, os elementos da narrativa, a intertextualidade, a figura de linguagem e assim adquirir autonomia nas práticas sociais carregadas de sentido quando se identifica com a precisão das combinações numa dimensão ampla de recursos linguísticos.

Dentro das possibilidades de aprendizagens apontadas acima, através desta esfera literária discursiva, há também a importância de destacar a função-autor, o efeito-leitor que essa relação produz em um processo de sentidos para ambos, como diz Orlandi (1987) e como destaca Bakhtin (2010), pois o sujeito é constituído a partir da relação com o outro e assim é possível estabelecer uma relação recíproca dialógica por meio do discurso que ocorre entre o autor e o leitor.

Logo, o papel fundamental da escola é resgatar estes veículos de comunicação e propiciar formas para uma constante circulação, tanto dentro ou fora da escola, por

meio de indicações, respeito aos leitores que costumam apreciar os romances, fábulas e outros. Sendo assim, as discussões em sala servem para motivar e conscientizar os estudantes a valorizarem todas as leituras sem priorizar mais uma do que outra, pois todas servem como materiais de discussão de aprendizagem na formação do leitor e não somente a literatura canônica, de acordo com Lajolo (2001), Abreu (2006) e Eagleton (2003).

Nesta perspectiva pedagógica política educacional é fundamental garantir em seu planejamento que o texto literário entre como objeto de análise e interpretação e também, como prática social, resgatando a dimensão frutiva da literatura, baseado no Currículo dizemos que:

o aluno deve desenvolver-se como leitor autônomo, com preferências, gostos e histórias de leitor. Assim, seja qual for a tipologia ou o gênero em estudo, o texto literário pode e deve ser trabalhado permanentemente, uma vez que é elemento fundamental na construção da competência leitora (SÃO PAULO, 2010, p. 35-36).

1.3 O gênero fábula

Conforme os autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a investigação de como trabalhar com estes textos literários despertam o interesse dos alunos por meio de um universo sócio-cultural significativo e diferente do rotineiro.

A fábula é um gênero de comunicação capaz de atingir os alunos a fim de sensibilizá-los com o discurso usado pelas personagens que representam as pessoas e suas ações do cotidiano. O gênero em questão aproxima muitos os alunos, pois se surpreendem com as atitudes e se identificam com as personagens fictícias, pois conseguem enxergar as personagens como sendo representações de seres humanos.

No Ocidente, a fábula tem seu primeiro registro atribuído a Esopo, autor grego que teria vivido no século VI a.c. Desde então, ela tem passado por um processo de reescritura realizado por vários autores, dentre os quais podemos mencionar La Fontaine (autor francês, século XVII d.C.) e Monteiro Lobato (autor brasileiro, século XX d.c.).

A fábula está presente em outras manifestações artísticas e culturais, além da literária, tais como, pintura, desenho animado, charge, música, etc. (SOUZA, 2008).

2. CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Sendo assim, percebe-se dentro dessa esfera literária fábula, com foco em um conteúdo significativo, pois atinge a capacidade de compreensão do leitor, porque há neste trabalho a inserção de reflexões estabelecidas no leitor por meio dos recursos linguísticos que revelam e apontam os efeitos de sentido analisado por aquele que lê, a ponto de surpreendê-lo ao perceber que além de compreender, ou seja, fazer sua leitura dentro da sua visão de mundo como é o de interpretar, também consegue analisar e reconhecer os gêneros os quais não reconheciam e assim aflorar o senso crítico.

Os autores Dolz, *et al* (2004) nos esclarecem como trabalhar com cada esfera literária e gêneros a fim de desenvolver as tão necessárias competências e habilidades na prática da leitura e da escrita e por meio de reflexões através de perguntas provocativas, motivá-los a conhecer o texto a fim de interagirem com os gêneros. Portanto, essas práticas podem ser aplicadas no cotidiano, na medida do possível. Para isso, haverá sequências didáticas que direcionam e focalizam o conteúdo a ser explorado em sala de aula ou em outros ambientes capazes de proporcionar maior fonte de pesquisa.

A Literatura como sendo a esfera escolhida por meio do gênero narrativo fábula e apresentada por meio da tipologia do narrar apresentam discursos inseridos nas personagens com respeito à época que foram produzidos e as circulações do veículo de comunicação. A fábula citada se relaciona seja nas semelhanças ou nas diferenças, mas estabelecem relações por meio do processo intertextual nas vozes inseridas ou até mesmo embutidas em cada tipologia textual trabalhada.

De acordo com Koch (2002), a narrativa que permeia a multiplicidade de vozes se torna compreensível pelos alunos, à medida que esses possam situar-se no tempo e assim conseguir entender as transformações do processo da fala e da escrita que

se dá em um contínuo que depende da situação comunicativa e assim se processam por meio de interação verbal.

De acordo com os autores Dolz, *et al* (2004), é preciso trabalhar com cada esfera e gênero a fim de desenvolver as tão necessárias competências e habilidades na prática da leitura e da escrita e por meio de reflexões através de perguntas provocativas, motivá-los a conhecer o texto a fim de interagirem com os gêneros.

O trabalho com um repertório de textos do mesmo gênero permitirá que o aluno perceba as particularidades da situação de produção de cada trabalho, principalmente se for estimulado a identificar, em suas leituras, quem produz o texto, para quem, com que finalidade, usando qual suporte, qual lugar social do autor e do destinatário e, por fim quando e onde o texto foi produzido.

O professor deve propor uma leitura sistemática de uma pequena apresentação, do título, do nome do autor e da fonte completa. Feito isso, ele inicia uma discussão coletiva para desenvolver nos alunos sua capacidade de elaborar suposições antecipadoras do sentido, da forma, e da função do texto.

O objetivo é fazer com que eles, a partir da situação exposta, aprendam a desenvolver pequenos textos, até mesmo na oralidade, e transformem seu espaço escolar, através das práticas de alfabetização e letramento.

Seja para atividades de aprendizado de linguagem materna ou não, as atividades literárias estimulam todos os sentidos da criança, é necessário inserir a atividade na rotina da criança, principalmente se levar em conta que as crianças estão adentrando o Ensino Fundamental aos seis anos de idade.

A diversidade de experiências culturais favorece a alfabetização e letramento, dando oportunidades para as crianças se relacionarem, essas experiências devem fazer parte da vida dos alunos na programação curricular.

Como sugestão de atividades pode se propor idas a festivais, teatros e exposições, assistir a filmes no cinema, aprender a fotografar, dançar, recitar poesias e ouvir histórias, são atividades que despertam essas diversidades.

É preciso promover ações da instituição junto às famílias e a comunidade que possibilitem o acesso das crianças a esses bens culturais, convidar artistas da comunidade para divulgar a arte que dominam, inserindo na programação curricular de cada agrupamento os elementos necessários para enriquecer a cultura das crianças.

É preciso considerar a todos, a participação de alunos, professores, responsáveis, gestores e funcionários no cotidiano da escola e nos diversos níveis do processo pedagógico contribui de modo determinante, para o enfrentamento das grandes dificuldades e desafios vividos por todos os envolvidos no contexto escolar, bem como a comunidade do entorno da escola.

Pretende-se que o espaço escolar possa e deve transformar-se em um espaço agradável, prazeroso, de forma que através dos livros o educador alcance sucessos em sua sala de aula.

Assim, sentir, brincar, expressar-se, relacionar-se, mover-se, organizar-se, cuidar-se, agir e responsabilizar-se é parte do todo de cada indivíduo, fazendo parte de todo processo de aprendizagem.

2.1 O papel do professor

O professor é quem está mais próximo do aluno, é responsável por manter a motivação e interação em sala de aula, e, dependendo do modelo adotado, pode exercer simultaneamente diversas funções para as quais são necessárias novas competências e habilidades.

Gonzales (2008) vai além, a arte da sedução pedagógica ao destacar que esse profissional deve ser uma ponte, para que o aluno construa o conhecimento. E, e o compara ao pai sempre pronto a ouvir, apoiar e orientar o filho:

o professor, tal qual um pai, deve dentro das suas limitações temporais, estar pronto para ouvir, apoiar e orientar o filho quando este solicitar. Sem essa disponibilidade, o fio se rompe, tornando-se difícil a retomada da relação pedagógica em níveis satisfatórios. A falta de confiança no tutor, o desamparo sofrido pelo aprendiz num momento da sua jornada, em geral, leva à evasão irreversível e ao desapontamento indesejável para os envolvidos no sistema educacional. É um sentimento sofrido por uma criança quando se atira sem medo nos braços do pai-protetor e este a deixa cair indesculpavelmente. A indiferença machuca e afasta (GONZALES, 2008, p.16).

O professor deve ter em mente sua relevância em fazer a diferença na vida escolar de seus alunos, trabalhar com a pedagogia empreendedora, é a pedagogia dos sonhos, e, sendo assim, é impossível sonhar presos ao passado longínquo do

ideal empreendedor, fazendo-se, então, necessário que a liberdade esteja presente nas trajetórias dos educadores empreendedores que apostam nesta pedagogia.

O professor deve quebrar barreiras para criar algo novo, diferente, dotado de criatividade, e firme determinação, rompendo regras, assumindo riscos e usando a imaginação. O que os alunos precisam é se sentirem incluídos, evitando transformar a escola em um depósito de crianças.

Neste contexto, preocupa-se em discutir uma pedagogia eminentemente empreendedora. Essa constitui, portanto, uma tarefa urgente dos educadores da atualidade. Segundo Dolabela,

a pedagogia empreendedora é uma estratégia didática para o desenvolvimento da capacidade empreendedora de alunos da educação infantil até o nível médio que utiliza a teoria empreendedora dos sonhos, não se propondo a ser uma metodologia educacional de uso amplo. Restrita ao campo do empreendedorismo conviverá com as diretrizes fundamentais de ensino básico adotadas no ambiente de sua aplicação: a escola. (DOLABELA, 2003, p. 55)

Baseando-se em Dolabela, pode-se dizer que a pedagogia empreendedora é a pedagogia dos sonhos, e, sendo assim, é impossível sonhar presos ao passado longínquo do ideal empreendedor, fazendo-se, então, necessário que a liberdade esteja presente nas trajetórias dos educadores empreendedores que apostam nesta pedagogia.

Assim, o professor é o profissional inovador que modifica, com sua forma de agir, qualquer área do conhecimento, popularmente são vistos como pessoas com tino, com visão, visionários, líderes além do que empreendedor tem a conotação de realizador, enérgico e persistente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade de elaborar e analisar esta proposta didática baseada na leitura do gênero narrativo fábula foi a de discorrer sobre capacidades leitoras dentro de perspectivas inovadoras capazes de causarem reflexões no público infantil por meio da esfera literária da literatura.

Houve também possíveis formas de utilizarmos os discursos presentes nos gêneros focados na leitura dessa esfera da Literatura, que abrange reflexões dentro desta sequência, como o de conhecer o gênero abordado através de seus elementos narrativos por meio da linguagem verbal.

Portanto, o incentivo à leitura é levar uma sociedade a raciocinar, esse gênero em questão é um eixo incentivador para desenvolver os alunos e assim capacitá-los em direção à reflexão e, por meios destas torná-los cidadãos mais sensíveis, justos, democráticos, ou seja, pessoas capazes de transformar um quadro social caótico através de um processo de interação com as linguagens.

Diante deste trabalho é possível apresentar possibilidades de despertar a aprendizagem no sentido também de valorizar os gêneros literários que estão esquecidos e quase nem circulam.

Não se pode concentrar somente naquilo que ensina, precisa-se conhecer as estratégias de abordagem mais eficientes, e ter uma sequência didática adaptada às reais necessidades dos alunos. Baseando-se em Dolz, Noverz & Schneuwly (2004) há compreensão do conteúdo, quando se organiza um conjunto de atividades escolares de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. Dessa forma, o objeto de ensino, é desenvolvido em busca da construção do conhecimento.

Como afirmam os autores elencados, se bem orientados e fundamentados nas questões pedagógicas, o professor e aluno tornarão o ambiente escolar muito prazeroso se a proposta consistente do que se pretende, não é alfabetizar por alfabetizar, e sim a necessidade de se fazer educar pela alfabetização.

Quando estuda-se alfabetização e letramento pretende-se proporcionar ao aluno que ele exerça as atividades, a fim de que possa-se obter resultados sobre as questões abordadas.

Vivenciar novas formas de ensinar e aprender, incorporando as tecnologias, requer cuidado com a formação inicial e continuada do professor. Nesse sentido trabalhamos com base no conceito de alfabetização, desenvolvido a partir do domínio e da utilização pedagógica das mais variadas vertentes. De forma que elas facilitem a aprendizagem e que sejam objeto de conhecimento a ser democratizado e instrumento para a construção de conhecimento.

Essa alfabetização não pode ser compreendida apenas como o uso mecânico dos recursos, mas deve abranger também o domínio crítico da linguagem, é o ensinar com responsabilidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, (2010)

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Volume 3- Conhecimento do Mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**; currículo na alfabetização; concepções e princípios: ano I; unidade I/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____. Ministério da Educação (MEC). **Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012**. Institui o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e as ações do Pacto e define suas diretrizes gerais. *Diário Oficial da União*, Brasília, 5 jul. 2012. Seção 1, p. 22.

_____. **PCN de Língua Portuguesa e livro didático: O Ensino do sistema de escrita alfabética**: Disponível em: <///C:/Users/Curiel/Downloads/7167-25089-1-PB.pdf>. Acesso em 03 de jul. de 2024.

DOLZ, J. M.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. M. *et al*. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de R. H. R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FÁBULAS DE ESOPHO. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

MARCUSHI, Bete. **Escrevendo na escola para a vida**. In: E. O. Rangel; R.H. R. ROJO (Orgs.) Língua Portuguesa no Ensino Fundamental de 9 anos e materiais didáticos. Coleção Explorando o Ensino. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.

MONTEIRO LOBATO - **Fábulas**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1966.

MOREIRA, Antonio Flávio B. CANDAU, Vera M. Currículo, conhecimento e cultura. In: BEAUCHAMP, Jeanete. PAGEL, Sandra D; NASCIMENTO, Aricélia R. do. **Indagações sobre currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>>. Acesso em: 04 de jul. de 2024.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. **Os protagonistas do/no discurso. Foco e pressuposição**. Série Estudos 4. Uberaba: Fac. Santo Tomás de Aquino, 1978, p.30-41.

SÃO PAULO, Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Códigos e linguagens**. São Paulo: SEE, 2010.

SOUZA, Elaine Hernandez de. **Os Discursos do Trabalho na Fábula “A Cigarra e a Formiga”**. Revista Intercâmbio, volume XVII: 154-164, 2008. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.